



A IMAGEM DE LISBOA

O Tejo e as Leis Zenonianas da Vista do Mar

Helder Carita e José Manuel Garcia
(coordenação)

Câmara Municipal de Lisboa
Instituto de História da Arte / FCSH / NOVA

A IMAGEM DE LISBOA

O Tejo e as Leis Zenonianas da Vista do Mar

ENTIDADES PARCEIRAS

Câmara Municipal de Lisboa
Universidade Nova

Pelouro da Cultura

Catarina Vaz Pinto

Direção Municipal de Cultura

Manuel Veiga

Departamento de Património Cultural

Gestão de Projeto

Jorge Ramos de Carvalho

Gabinete de Estudos Olisiponenses

Anabela Valente



[gabineteestudos olisiponenses](#)



COLÓQUIO

Organização

Departamento de Património Cultural
da Direção Municipal de Cultura
Câmara Municipal de Lisboa

Instituto de História da Arte da Faculdade
de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa

Apoio

Centro de Informação Urbana de Lisboa
Departamento de Desenvolvimento
e Formação

Comissão científica

Claudio Monteiro – FD/UL
Helder Carita – IHA/FCSH/NOVA
José Eduardo Horta Correia – UAlg
José Manuel Garcia – GEO/DPC/CML
José de Belmont Pessôa – UFF
Pedro Flor – IHA/FCSH/NOVA
Raquel Henriques da Silva – IHA/FCSH/NOVA

Comissão executiva

Helder Carita – IHA/FCSH/NOVA
Isabel Mendonça – IHA/FCSH/NOVA
Jorge Ramos de Carvalho – DPC/CML
José Manuel Garcia – GEO/DPC/CML
Renata Malcher de Araujo – UAlg

Design gráfico

Ana Filipa Leite – DPC/CML

Secretariado

Vanda Souto – GEO/DPC/CML

EDIÇÃO

Edição

Câmara Municipal de Lisboa
Direção Municipal de Cultura
Departamento de Património Cultural
Gabinete de Estudos Olisiponenses

Coordenação

Helder Carita – IHA/FCSH/NOVA
José Manuel Garcia – GEO/DPC/CML

Desenho do livro

João Rodrigues – GEO/DPC/CML

ISBN

978-972-9231-11-7

Depósito Legal

2019

Na capa:

Lisboa vista do Palácio do Marquês de Abrantes.
Anónimo, óleo sobre tela, Séc. XVIII (1ª metade).
Museu de Lisboa

A IMAGEM DE LISBOA O Tejo e as Leis Zenonianas da Vista do Mar

(artigos individualizados - PDF)

O volume integral desta edição
encontra-se disponível no
Gabinete de Estudos Olisiponenses

ÍNDICE

PARTE 1

Resumos

APRESENTAÇÃO

Helder Carita

De Constantinopla a Lisboa:
génese, percursos e epílogo
das leis Zenonianas da Vista do Mar

Helder Carita

**O direito romano justinianeu da construção
urbana e a sua aplicação em Portugal
como direito subsidiário das Ordenações do Reino**
A questão da proteção da vista de mar do vizinho

Claudio Monteiro

**O direito comum e a
lei da vista do mar na almotaxaria lisboeta:**
outras relações conflituantes

Sandra M. G. Pinto

Os s(z)enãos do Cais Novo:
apontamentos sobre o projecto de regularização
e urbanização da frente ribeirinha, entre o cais da
Quinta Real (Belém) e a Ribeira das Naus (Lisboa)

Leonor Ferrão

“Casas chegadas ao mar”:
a construção de pátios e jardins de
edifícios civis da Lisboa dos séculos XVII e XVIII

[Maria João Pereira Coutinho](#)

Lisboa, “Cidade-paisagem”
Matriz das cidades de
expressão portuguesa no mundo

José Manuel da Cruz Fernandes

**A vista para o mar e as disputas dos
chãos de marinha na cidade do
Rio de Janeiro nos séculos XVII e XVIII**

José de Belmont Pessôa

*O Tejo não é mais belo
que o rio que corre pela minha aldeia*

Renata Malcher de Araujo

Joaquim Manuel Rodrigues dos Santos

As vistas da “Acrópole de Lisboa”

Análise das representações iconográficas do Castelo de São Jorge e Real Paço da Alcáçova nas imagens panorâmicas de Lisboa tomadas a partir do rio Tejo

Ana Cristina Leite, Delminda Rijo
José Manuel Garcia, Manuel Fialho da Silva

Uma vista desconhecida de Lisboa antes do Terramoto:

problemáticas e possibilidades

Maria Helena Barreiros

Retratos de cidades

A vista de Lisboa da Academia de Belas Artes

João Vieira Caldas
Rui Moura Jerónimo

Palácios com torres e torreões na imagem de Lisboa

Adélia M. Caldas Carreira

Lisboa vista do Tejo

Da cidade imaginada à cidade real

Margarida Helena de La Féria Valla

O “Terreiro do Paço” como o espaço público singular

“única coisa grandiosa que à beira Tejo sita”

Maria Isabel Lopes Monteiro

Um convento à beira-Tejo e o seu envolvimento em festividades áulicas laicas

Ljiljana Čavić

O Vazio Arquitetónico-Urbano de Ribeirinha da Lisboa

Notas biográficas

ÍNDICE
PARTE 2

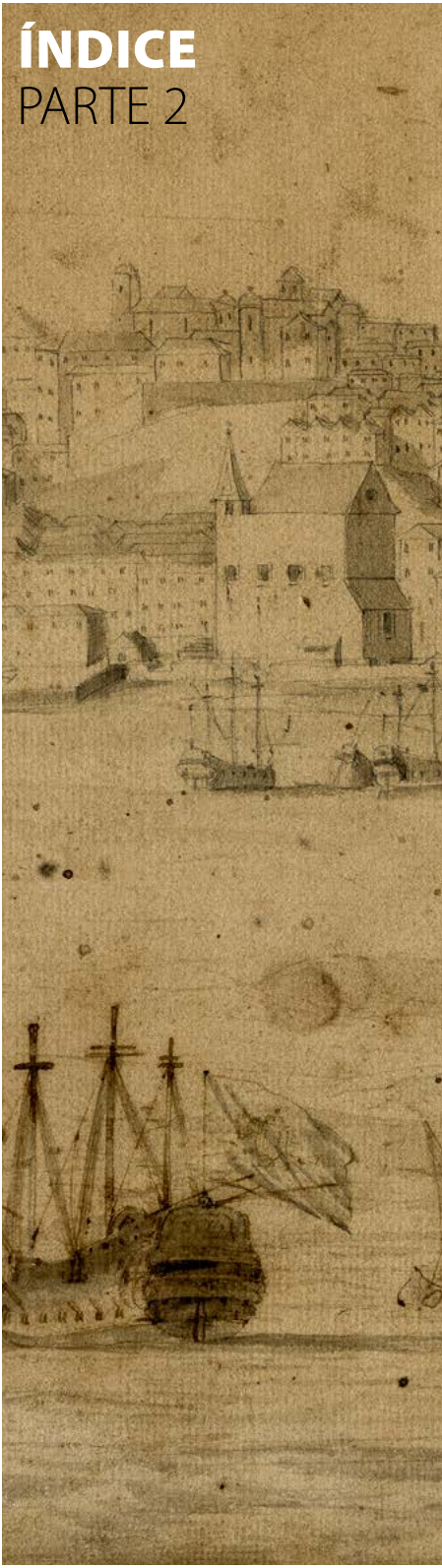


Fig. 1 BRY, Theodor de, *Harbour scene*, depicting Portuguese ships preparing to depart from Lisbon. c. 1593



“Casas chegadas ao mar”:

a construção de pátios e jardins de edifícios civis da Lisboa dos séculos XVII e XVIII

Maria
João
Pereira
Coutinho

IHA/FCSH/NOVA

I Nota prévia

As várias propriedades civis dos séculos XVII e XVIII que ainda hoje se observam e que se reconhecem nas mais diversas fontes iconográficas, manuscritas e impressas, implantadas na cidade de Lisboa à beira do rio Tejo, espelham a sua grandeza através da sua dimensão, mas também através da magnificência imposta nas soluções utilizadas na lógica organizativa e sobretudo na adequação aos princípios vitruvianos da “*firmitas*”, “*utilitas*” e “*venustas*”. Essa conformidade, à semelhança do que ocorreu em Constantinopla, surgiu, da necessidade de usufruir da proximidade do rio, e sobretudo da necessidade de tirar partido desse privilégio enquanto manifestação de poder. No contexto lisboeta, a implantação dessas propriedades resultou em três grandes grupos patrimoniais: o grupo das casas urbanas, com maiores limitações e constrangimentos de espaço, onde se rentabilizou a fixação no declive e se tirou partido da vista sobre o Tejo, o das casas periurbanas, localizadas em pontos mais desafogados da cidade, que já permitiam tirar outro tipo de partido das vistas, com jardins murados, e, por fim, o das quintas, efectivamente afastadas da *urbe*, que viraram igualmente as suas zonas de recreio para o rio. Ao analisarmos estes conjuntos, sobretudo o primeiro, verificamos que apesar da evidente regalia dessas “*moradas de casas chegadas ao*

mar”, que quase sempre possuíam pequenos espaços de lazer e fruição junto ao rio, o Tejo, por vezes, presenteava a cidade com ocorrências como inundações e subsequentes **aluimentos** dos terrenos que obrigavam à mobilização do Senado da Câmara e de particulares, com o propósito de assegurarem a “*firmitas*” necessária para a sobrevivência do edificado. É desta relação entre a indispensável solidez da implantação das construções e a “*venustas*”, visível na audaz construção de pátios e jardins junto ao rio, que não só espelharam o gosto e o conhecimento dos encomendadores, mas também o poder desses promotores, que este estudo trata, e que fez de Lisboa “*uma cidade muito mais alegre e deleitosa à vista*”¹.

II A fortuna das “casas chegadas ao mar”

Não querendo ser exaustivos no que a uma recolha de explanações acerca da fortuna das “casas chegadas ao mar” diz respeito, não podemos deixar de referir a importância que obras como a *Descrição da Cidade de Lisboa* (1554) de Damião de Góis², o Canto III de *Os Lusíadas* (1572)³, a obra *Do Sítio de Lisboa* (1608) de Luís Mendes de Vasconcelos⁴, ou o controverso livro *Flores de Espanha* (1631) de António de Sousa de Macedo⁵, tiveram no âmbito da caracterização da “*nobre Lisboa*”, entre outras que afamados literatos redigiram, e que

¹ Este texto tem por base uma comunicação intitulada “Entre o Tejo e a *Urbe*: contributos para o estudo morfológico dos portais das cercas de palácios à beira rio nos séculos XVII e XVIII”, apresentada no âmbito do Colóquio “A Cidade do Tejo (História, Vida & Imaginário)” realizado entre 12 e 14 de Novembro de 2014, e insere-se no âmbito dos trabalhos desenvolvidos no nosso pós-doutoramento, intitulado *Pórtico: estruturas de pedraria em fachadas de igrejas do distrito de Lisboa do domínio Filipino ao Terramoto* [SFRH/BPD/85091/2012], a decorrer pelo Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, e apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia com financiamento participado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do Ministério da Educação e da Ciência.

² GÓIS, Damião de - *Descrição da Cidade de Lisboa*. Ed. de José da Felicidade Alves. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.

³ CAMÕES, Luís de - *Os Lusíadas*. Lisboa: Em casa de António Gonçalves Impressor, 1572.

⁴ VASCONCELOS, Luís Mendes de - *Do Sítio de Lisboa*. Lisboa: Officina de Luys Estupiñan, 1608.

⁵ MACEDO, António de Sousa de - *Flores de España excelencias de Portugal: en que brevemente se trata lo mejor de sus historias, y de todas las del*

mundo desde su principio hasta nuestros tiempos, y se descubren muchas cosas de provecho, y curiosidad. Lisboa: impressas por Jorge Rodriguez, 1631.

6 VASCONCELOS, Luís Mendes de - *op. cit.*, p. 116.

7 FONSECA, Fernão Solis da - *Regimento pera conservar a saude e vida.* Lisboa: por Geraldo da Vinha, 1626.

8 PEREIRA, Maria Helena Rocha - "Uma Descrição Poética da Lisboa Quinhentista". *HVMANITAS*, Revista do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Vols. XXXV-XXXVI, 1983-84, pp. 349-357.

9 CALDAS, Adélia - *Lisboa de 1731 a 1833: da desordem à ordem no espaço urbano.* Lisboa: [s.n.], 2012. Tese de doutoramento em História da Arte, apresentada à Universidade Nova de Lisboa.

10 PAIVA, Daniela Rabelo Costa Ribeiro - *As Descrições da Cidade de Lisboa: Escrita, Poder e Sociedade no Portugal dos Filipes.* Niterói: [s.n.], 2013. Dissertação de Mestrado em História Moderna apresentada à Universidade Federal Fluminense.

11 A importância de habitar junto ao rio é visível na escolha de um local para a rainha D. Catarina de Bragança residir, aquando do seu regresso a Lisboa, onde se menciona que tinha que "viver em alguma quinta ou casa de campo fora de Lisboa porque os seus achaques e necessidade que tem de passear e tomar ar livre em algum jardim a obrigam a isso", podendo ser em locais como o paço de Xabregas, a quinta do Marquês de Marialva, em Marvila ou em outras quintas "para aquela parte por ser sitio sadio onde pode estar retirada sem ser longe de Lisboa e ter a vista do rio"; cf. CASIMIRO Augusto - Dona Catarina de Bragança, rainha de Inglaterra, filha de Portugal. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança, 1956, p. 442.

12 VASCONCELOS, Luís Mendes de - *op. cit.*, pp. 195-196.

13 A propósito desta pintura veja-se GEHLERT, Andreas - "The Weilburg painting showing the Lisbon entry of 1619 in its

amiudadamente exaltaram as suas virtudes. Inscrevem-se também nessa plêiade de estudos aqueles que, uma vez mais imbuídos numa lógica vitruviana, concederam particular atenção à importância das questões da salubridade em Lisboa, na criação de praças e de outros espaços viários, onde a circulação dos ventos era essencial para a boa vivência do local, como a já mencionada obra de Luís Mendes de Vasconcelos, onde se afirma que, apesar de Lisboa receber humidade do rio, essa condição não afectava a cidade, porque "a quentura que receb[ia] do Meo dia, purifica[va] o ar, gastando muita parte das humidades delle"⁶, como o *Regimento pera conservar a saude e vida* (1626), de Fernão Solis da Fonseca⁷. Esses escritores, assinalados nos estudos de Maria Helena Rocha Pereira, na área da literatura⁸, ou mais recentemente por Adélia Caldas⁹ e Daniela Ribeiro Paiva, na área da história moderna¹⁰, onde se verifica uma análise aturada às anteriores obras,

e a outras¹¹, corroboram então a importância destas questões, essenciais para a compreensão da implantação de "moradas de casas" nobres e seus espaços exteriores de lazer e fruição, pelo facto de esta cidade ser o local ideal "para hauer nelle particulares recreações, como são lardins, & Quintas", como uma vez mais afirmou o autor *Do Sítio de Lisboa*¹². Por outra via, a dos inúmeros registos gráficos e cartográficos de que dispomos nos acervos da Biblioteca Nacional, do Museu de Lisboa e em outros locais, também se constata a presença em Lisboa de casas efectivamente urbanas, com maiores limitações e constrangimentos de espaço, e consequentemente menos área para amplos jardins, onde foi rentabilizada a implantação no declive, tirando-se partido da vista sobre o Tejo. As *Vistas de Lisboa*, do castelo de Weilburg¹³, da igreja de São Luís dos Franceses, encomendada por Antoine Magnonet¹⁴, de Pier Maria Baldi, aquando da viagem de Cosme

Fig. 2 Anónimo. *Vista de Lisboa do Castelo de Weilburg.* c. 1619. Castelo de Weilburg.¹⁸



de Médicis a Lisboa¹⁵, a *Vista de Lisboa em Azulejo* do MNAZ¹⁶, a *Partida de S. Francisco Xavier para a Índia*, de Pinhão de Matos, ou mesmo a *Vista e perspectiva da Barra Costa e Cidade de Lisboa*, de Bernardo de Caula¹⁷, entre muitas outras que podíamos referenciar, testemunham o partido que se tirou da implantação junto ao Tejo, ou mesmo de algumas escarpas da cidade.

Casos visíveis nessas composições pictóricas, como ocorreu com o palácio dos "Câmara", ou dos condes de Vila Franca e da Ribeira Grande, onde se percebiam galerias de lazer, comprovam que embora muitas vezes as fachadas das edificações estivessem viradas para Norte, era para o Tejo que maior empenho decorativo apresentavam os alçados¹⁹. Nesse mesmo quadro, incluímos ainda o palácio dos duques de Aveiro à Esperança, que, à semelhança do anterior exemplo, possuía uma *loggia* que proporcionava uma vivência exterior

virada para o rio, como se pode constatar através da observação do seu registo na *Vista de Lisboa em Azulejo*. Não muito distantes da ideia de delimitação natural, neste caso imposta pelo rio, configuraram-se também as casas de morada do vice-rei D. Cristóvão de Moura Corte Real (1538-1613), localizadas junto ao real palácio da Ribeira, e afortunadamente fixadas em diversas fontes, como na estampa mais conhecida da *Viagem da Catholica Real Magestade del Rey D. Filipe II N.S. ao Reyno de Portvgal*²⁰, ou na pintura *Partida de S. Francisco Xavier para a Índia*, que terão sido começadas a edificar em data por apurar, no local onde Vasco Anes Corte Real, seu sogro, possuía terrenos²¹, bem como Miguel Corte Real, desde 1502²². Em concordância com a ascensão da família, essas casas terão sido amplamente aumentadas, sendo o risco do edifício, que sabemos ter existido junto ao Paço da Ribeira atribuído ao arquitecto hispânico Juan de Herrera (1530-1597).

historical and pictorial context". *Revista de História da Arte*, N.º 11, 2014, pp. 69-85 e o catálogo *Joyeuse Entrée, A Vista de Lisboa do Castelo de Weilburg*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, 2015, mas tenha-se também em considerações as novidades acerca da sua datação veiculadas oralmente por Pedro Flor e por António Candeias no debate "Vista de Lisboa do Castelo de Weilburg", realizado a 29 de Novembro de 2016 no Museu de Lisboa.

14 SERRÃO, Vítor - "Nossa Senhora da Boa Viagem velando pela protecção do comércio na barra de Lisboa". In *Encompassing the globe, Portugal e o mundo nos Séculos XVI e XVII*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, 2009, pp. 70-71.

15 MAGALOTTI, Lorenzo - *Viagem de Cosme de Médicis por Espanha y Portugal (1668-1669)*. Madrid: Sucesores de Rivadeneyra, [1933], e MADAHIL, A. G. da Rocha - "Viagem de Cosme de Médicis a Lisboa em 1669". *Revista Municipal*, Ano III, N.º 11-12, 1.º e 2.º Trimestres, 1942.

16 Acerca deste notável exemplar pertencente ao Museu do Azulejo, destaque-se o facto de ter sido alvo de um aturado estudo levado a cabo pela equipa do projecto "Lisboa em Azulejo antes do Terramoto" [PTDC/EAT-EAT/099160/2008], do Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa (FCSH-NOVA) e da Rede Temática de Investigação em Estudos de Azulejaria e Cerâmica João Miguel dos Santos Simões do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL). Foi investigador responsável desse projecto o Prof. Doutor Pedro Flor.

17 BNP, Secção de Iconografia, D-177-R.: CAULA, Bernardo de - *Vista e perspectiva da Barra Costa e Cidade de Lisboa*, 1763.

18 Fotografia gentilmente cedida por Andreas Gehlert, a quem agradecemos.

19 ALBERGARIA, Isabel Soares de - "O Palácio dos Câmara "aos Mártires" - um caso excepcional da opulência seiscentista". In

Fig. 3 COUSE, J. *The City of Lisbon as before the dreadful Earthquake of November 1.ª 1755*. BNP, Secção de Iconografia, E-1350-V



MENDONÇA, Isabel, CARITA, Helder, MALTA, Marize (coord. de), *A Casa Senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro: Anatomia de Interiores*. Lisboa, Rio de Janeiro: Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014, pp. 112-133.

20 LAVANHA, João Baptista - *Viagem da Catholica Real Magestade del Rey D. Filipe II N.S. ao Reyno de Portvgal e rellação do solene recebimento que nelle se lhe fez S. Magestade a mandou*. Madrid: Thomas Iunti, 1621.

21 Em 1502, a propósito de uma doação de um terreno feita na Ribeira por D. Manuel I, menciona-se o facto deste fazer confrontação com a casa de Vasco Anes Corte Real; cf. AML, *Chancelaria Régia*, Livro dos Pregos, doc. 495, fl. 316 v.º. Em 1514 as casas já são mencionadas como "palácio", a propósito de um embargo de obras; cf. AML, *Chancelaria Régia*, Livro 4º de D. Manuel I, doc. 28, fls. 37 e 37 v.º. Em 1517 são ainda referidas casas que possuía na rua dos Ferreiros, junto à Ribeira das Naus, novamente no contexto de obras; cf. CARITA, Helder - *Lisboa Manuelina e a Formação de Modelos Urbanísticos da Época Moderna (1495-1521)*. Lisboa: Livros Horizonte, 1999, p. 185.

22 As casas de Miguel Corte Real são referidas a propósito de uma doação de um terreno na Ribeira que D. Manuel I faz à cidade de Lisboa, sendo esse terreno delimitado pelas ditas casas e pelas de Fernão Lourenço; cf. AML, *Chancelaria Régia*, Livro dos Pregos, doc. 493, fl. 316.

Nas diversas representações existentes sobre o espaço, saltam-nos à vista duas situações: o facto do conjunto se ter desenvolvido a partir de um generoso corpo central, rematado por coruchéus, à semelhança do que aconteceu com o palácio da Praia ou dos condes de S. Lourenço em Belém, dos Vimioso²³, a partir do qual nasceram dois corpos dispostos paralelamente entre si e que eram fechados por um muro onde se ergueu um portal de acesso ao rio, e a proximidade a esse constrangimento natural, que embora bastante agradável, não deixou de ser limitador. No que à existência de "*casas de morada*" à beira rio respeita, e reportando a casos menos conhecidos, veja-se ainda a alusão ao palácio de Luís Diogo Lobo da Silva, governador de Pernambuco, localizado na freguesia de Santa Engrácia, que, a propósito do terramoto de 1 de Novembro de 1755, e dos inquéritos paroquiais que sucederam esse cataclismo, se fica a saber que se localizava no

caminho que ia de Santa Apolónia para Santos-o-Novo, tendo quatro faces. No lado nascente tinha o tradicional jardim e uma horta; a poente localizava-se a principal porta do edificado e a do sul, onde também se abria uma porta, tinha à semelhança dos anteriores exemplos, um embarcadouro²⁴.

Na perspectiva das propriedades igualmente urbanas, mas localizadas em pontos mais desafogados da cidade, que permitiam tirar outro tipo de partido de jardins murados, como ocorreu com o palácio dos condes de Vila Nova de Portimão, em Santos, mais tarde designado por palácio dos marqueses de Abrantes²⁵, a presença de delimitações com menor altura assumiu um carácter mais lúdico, e até mesmo cenográfico, particularmente aquando da inserção de conversadeiras e de fenestranças diversas, que embora de ombreiras muito simplificadas, conseguiram imprimir ritmos e

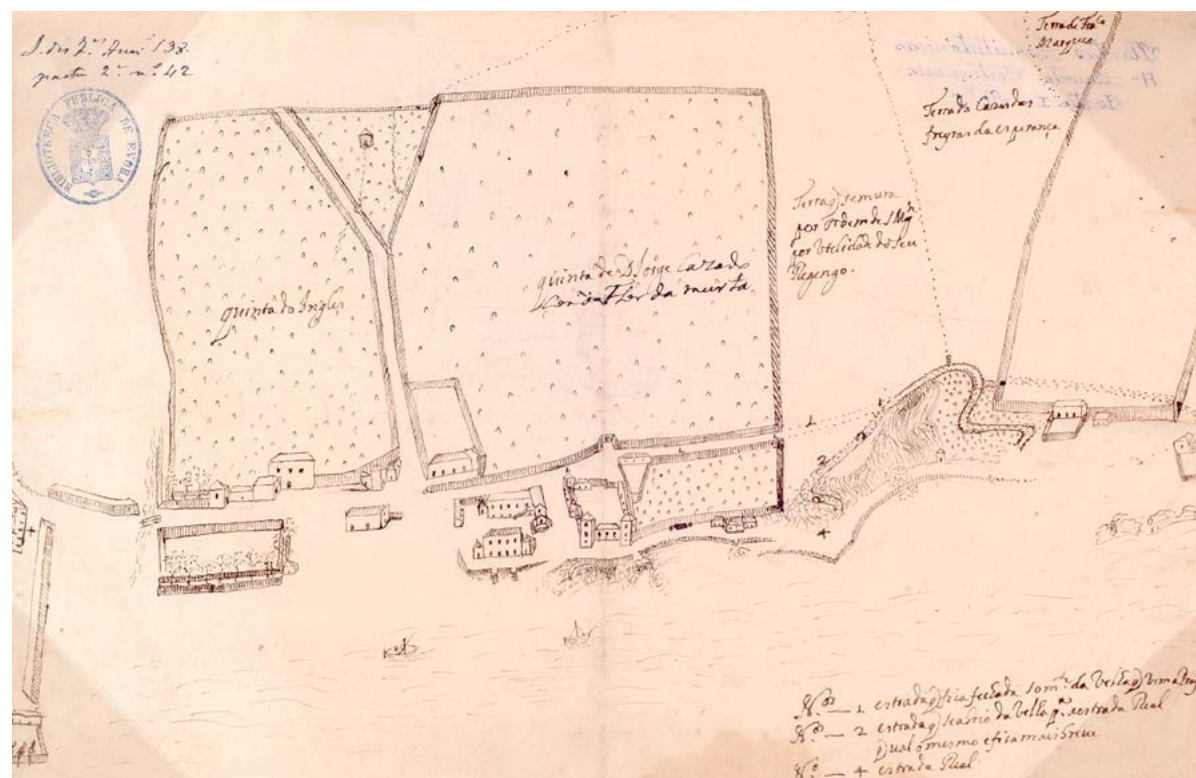


Fig. 4 Anónimo - *Planta de Santos*.
Séc. XVIII (1.ª metade). BPE,
Gaveta 8, Pasta 1, N.º 5

uma nova relação com a visualização do rio. Observe-se, pois, a vista para o Tejo fixada numa pintura a partir desse local, do acervo do Museu de Lisboa, onde constam conversadeiras e um portal artificialmente decorado²⁶. Em local não tão sobranceiro ao Tejo quanto possivelmente desejariam os seus proprietários, inclui-se a propriedade do mestre-de-campo Domingos Dantas da Cunha, à Anunciada, descrita em 1712 como tendo "doze passeyos largos, & compridos, alguns delles lageados, & azulejados de brutesco, com fermosos, & bem lavrados pilares de pedraria, grandes parreyraes, & muytas paredes vestidas de varias, & vistosas flores. (...) Tem dous taboleiros de jardim o primeyro fica debayxo das janellas da galaria, que olhão para dentro da quinta, o segundo em hua elevação, a que sobre do passayo por hum escada de cantaria, que tem vinte degraos, & outros tantos palmos de largo"²⁷.

Essa quinta de recreio, a partir da qual se descobria "o mar, & a banda dalém, & a mayor parte da Cidade", era considerada "muy aprazivel, por lhe ficarem para aquela porção do Horizonte muytas quintas, bosques, & nobres edifícios"²⁸. Por último, neste amplo enquadramento de implantações, surgem as quintas, efectivamente afastadas da *urbe*, quer na zona ocidental da cidade, quer na oriental, onde se incluem, por exemplo, quase todas as que figuravam entre Alcântara e Belém, e que pela sua complexidade não iremos detalhar, as quais viraram igualmente as suas zonas de lazer para o rio. Na zona oriental da cidade, outras quintas como a dos marqueses de Abrantes na rua de Marvila, também conhecida por Quinta Grande ou Quinta de Marvila, orientaram as suas casas para o Tejo, modelando cercas de maior amplitude geográfica, que, apesar de também tirarem partido da diferença de cotas tão característica de Lisboa e área

- 23** FLOR, Susana Varela - "Quinta da Praia". In *Lisboa em Azulejo antes do Terramoto de 1755*, Pedro FLOR (coord.) site do Projecto de Investigação, PTDC/EAT-EAT/099160/2008, Instituto de História da Arte/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/ Universidade Nova de Lisboa, 2017 (no prelo). Informação gentilmente cedida por Susana Varela Flor, a quem agradecemos.
- 24** PORTUGAL, Fernando; MATOS, Alfredo - *Lisboa em 1758, Memórias Paroquiais de Lisboa*. Lisboa: [s.n.], 1973, p. 115.
- 25** CARITA, Helder - *Le Palais de Santos*. Paris: Éditions Chandeigne, 2007.
- 26** *Lisboa vista do Palácio do Marquês de Abrantes*. Autor desconhecido. Séc. XVIII (1ª metade). Óleo s/ tela. MC.PIN.264.
- 27** COSTA, António Carvalho da - *Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, gealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1712, pp. 432-433.
- 28** *Idem, ibidem*.



Fig. 5 Anónimo - *Lisboa vista do Palácio do Marquês de Abrantes*. Séc. XVIII (1ª metade). COLECÇÃO DO MUSEU DE LISBOA | CML | EGEAC, MC.PIN.264

29 Acerca deste lado da cidade vejam-se as asserções de CALDAS, João Vieira - "O Mundo Erudito e o Mundo Vernáculo nas Quintas Viradas ao Tejo". In LAMEIRA, Francisco Ildefonso (coord.), *V Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte. A arte no mundo português nos séculos XVI-XVII-XVIII*. Faro: Universidade do Algarve, 2001, pp. 233-257.

30 A 29 de Agosto de 1701: "Diz o Marquez de Tavora que pela escretura iunta consta aforar-se hum pedaço de chão iuntto, e místico com a sua quinta do Campo pequeno para nelle fazer cazas, as quais não pode principiar sem licença deste Sennado fazendo se primeiro cordeamento"; AML, *Livro de Cordeamentos (1700-1704)*, s. n.º fl..

31 PEGAS, Emmanvelis Alvarez *Commentaria Ad Ordinationes*. Lisboa: Antonii Leite Pereira, 1681, p. 102.

32 FLOR, Susana Varela - "Quinta dos Álamos". In *Lisboa em Azulejo antes do Terramoto de 1755*, Pedro FLOR (coord.) site do Projecto de Investigação, PTDC/EAT-EAT/099160/2008, Instituto de História da Arte/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/ Universidade NOVA de Lisboa, 2017 (no prelo). Informação gentilmente cedida por Susana Varela Flor, a quem agradecemos.

33 AML, *Chancelaria da Cidade*, Livro 5º de assentos do Senado Oriental, doc. 30, fl. 13.

34 AML, *Livro de Cordeamentos (1637-1715)*, fl. 181-182 v.º.

35 CAETANO, Carlos - *A Ribeira de Lisboa, Na Época da Expansão Portuguesa (Séculos XV a XVIII)*. Lisboa: Pandora, 2004.

36 JORGE, Maria Júlia - "CALVÁRIO (Sítio do)". In SANTANA, Francisco, SUCENA, Eduardo (dir. de) - *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Ed. Carlos Quintas & Associados, 1994, pp. 199-201.

37 O LxConventos: da Cidade Sacra à Cidade Laica. A extinção das ordens religiosas e as dinâmicas de transformação urbana na Lisboa do século XIX [PTDC/CPC-HAT/4703/2012] resultou de uma parceria entre o Instituto de História de Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade

limítrofe, encontraram uma situação intermédia entre o edifício com sua *loggia* para o jardim, e a convencional quinta seiscentista com limitações até onde a vista alcançava²⁹. Edificada em inícios do séc. XVIII, data da construção da primitiva casa de quinta, foi propriedade dos condes de Figueiró, depois de Vila Nova de Portimão e, finalmente, marqueses de Abrantes. Com a tomada de posse da quinta de Marvila por D. Luís de Lencastre, conde de Vila Nova de Portimão, em 1688, e com o aumento de património em 1704, por via do matrimónio de D. Pedro de Lencastre com D. Maria Sofia de Lencastre, herdeira da casa de Abrantes, o espaço vê-se renovado. A existência de vários acessos ao domínio ao longo de cercas, como as que possuíam as anteriores propriedades, constituiu nestes casos mais uma funcionalidade do que um aparato, embora os seus encomendadores nunca tivessem descurado a sua ornamentação, como nos elucidam algumas descrições coevas. O que hoje nos é dado a visualizar deste último espaço, com edificações bastante transformadas, permite-nos compreender que pelo menos o muro, objecto que nos importa aqui focar, com portal e fenestrações que o ladeiam, foi preservado. Este tipo de modelo, menos fechado sobre si mesmo, pela existência das sobreditas janelas, ganhou consistência tipológica ao ser cotejado com o modelo de muro que se observa no palácio Távora, dito Galveias, possivelmente datado de 1701, onde encontramos a mesma lógica de abertura para o exterior³⁰. Filiado na tratadística e com grandes afinidades ao nível do tratamento da pedra com o palácio dos condes da Figueira, este é um dos poucos exemplares eruditos que remanesceram integrados num suporte de origem, de uma quinta com uma excepcional panorâmica sobre o Tejo e mar da Palha.

III

O infortúnio das "*casas chegadas ao mar*"

Para além das vantagens anteriormente assinaladas da presença fluvial, importa mencionar alguns dos problemas inerentes à virtude "*casas*

chegadas ao mar", cuja implantação era por vezes mesmo em cima do leito do rio, e que adveio de documentação sobre contendadas, relativa à localização dos prédios e à necessidade de não roubar as vistas do mar. Manuel Álvares Pegas mencionou na sua obra *Commentaria Ad Ordinationes* vários pleitos sobre este assunto, nomeadamente do conde de Pontével com Vicente Arnaut, do conde de Vimioso com a condessa da Feira, do Doutor José Pinheiro com Manuel de Melo, de João Rebelo do Campo com o conde de Pontével e a causa do Marquês de Fronteira com o copeiro-mor do reino³¹. Embora não tenhamos conseguido localizar outra documentação que nos elucidasse acerca de cada uma destas discórdias, e até da localização exacta destes imóveis, que poderiam não ser os das suas residências, mas sim de rendimento, certo é que não são raros os requerimentos submetidos ao Senado da Câmara para aferir obras que tapavam as vistas. Veja-se, pois, o pleito de 1636, localizado por Susana Varela Flor, onde Vasco Fernandes César da quinta Cesária, da qual ainda hoje remanesce o palácio dos condes de Sabugosa a Santo Amaro, se queixou que os ramos das árvores da quinta dos Álamos lhe tiravam a vista para o mar³². A solicitação datada de 1678, onde se pede para não se aforarem casas na Porta do Sol, pois tal acto poderia causar prejuízo a quem aí possuía "casas nobres", por poderem tapar a vista para o mar³³, ou o requerimento submetido por João Afonso do Vale, proprietário de uma morada de casas na rua da Metade, onde este arrendatário intentava levantar um sobrado para os inquilinos, e cuja obra foi embargada por também tirar a dita vista³⁴, são alguns dos exemplos que comprovam esta situação. Já na parte ribeirinha da cidade, onde este tipo de acontecimentos parecia não acontecer tão frequentemente, eram outras as preocupações dos proprietários dos edifícios aí implantados³⁵. A documentação referente a algumas quintas menos abordadas pela historiografia olisiponense, comprova que a beleza do Tejo demonstrou nem sempre corresponder às expectativas dos teóricos que o exaltaram, presenteando os moradores desta cidade com ocorrências como

inundações e subsequentes aluimentos dos terrenos que obrigaram à mobilização do Senado e de particulares, com o propósito de assegurarem a "*firmitas*" necessária para a sobrevivência do edificado. A Quinta do Porto, assim designada por possuir um pequeno cais, localizava-se no local onde mais tarde viria a ser construído o convento de clarissas do Monte Calvário, doada para esse fim por D. Violante de Noronha, viúva de Manuel Teles de Meneses, e D. Maria Madalena Teles, filha dos anteriores. Em 1617 foi transformada, adequando-se a uma nova função, e foi um dos locais que provou estar demasiadamente próximo do rio³⁶. Segundo se observa na *Planta do sítio de Alcântara* divulgada pelos investigadores do projecto *LxConventos*³⁷, o local onde estava fundado o imóvel, ainda sem claustro, adentrava pelo leito do rio³⁸. Por esse motivo, não terá resistido às intempéries, sendo a 2 de Janeiro de 1620 destruída uma boa parte dessa edificação. Geográfica e cronologicamente não muito distante, foi também a circunstância das casas com logradouro de António Mendes, na Ribeira de Alcântara, que partiam do longo do rio, e onde o Senado tinha mandado construir uma passagem pública. O facto de em 1647 o local ficar em perigo, pelo facto de a sobredita passagem ter ficado coberta de água, na sequência do Tejo "*estar entupido com muito cascalho que trouxe a agoa do inverno*"³⁹, terá motivado o proprietário desse sítio a exigir solução ao Senado sobre esse incidente. Tais ocorrências, conduziram então a que o Tejo e ribeiras afluentes se tornassem objecto de variadas consultas sobre a matéria dos aluimentos, onde se destaca em 1675 uma muito particular, que envolveu o conde de Figueiró, na qualidade de vereador, e Teodósio de Frias e Luís Álvares de Andrade, na qualidade de procuradores da cidade, sobre a necessidade de se fazerem obras no curso do rio de Algés, que se alterara, e que estava a provocar estragos e inundações que punham em risco um grande número de edifícios⁴⁰. A preocupação com despejos no rio levou ainda a uma outra consulta ao Senado, desta vez em 1713, sobre a possibilidade de se instituir o ofício de guarda-mor dos lastros dos rios, uma vez mais com a preocupação de

assegurar a limpeza do Tejo e sequentes cheias, que prejudicavam as casas implantadas no seu leito⁴¹. Por fim, no que a questões de adversidades por proximidade ao rio diz respeito, importa destacar ainda o exemplo da primitiva Quinta do Grilo, na zona oriental da cidade, propriedade de Luís Cid da Silva e Oliveira, não só por se ter encontrado envolvida em diversas questões com o Senado da Câmara, como também pelo facto de estar efectivamente localizada "em cima do Tejo". No ano de 1699, por se ter principiado obras sem licença dessa edilidade⁴², é realizado um cordeamento ao local, que nos dá a notícia de que essa propriedade se localizava junto à estrada que ia para o "Grilo", onde tinha um muro de setenta e um palmos e "*hum terço de palmo de largo athe ao cabo da muralha em frente do mar*". Sendo a vontade do seu proprietário, o pai do ilustre Francisco Dionísio de Almeida da Silva Oliveira, membro da Academia Real da História Portuguesa⁴³, abrir várias entradas no suprarreferido muro⁴⁴, o Senado vê-se obrigado, por questões de segurança, a suspender a dita obra, a fim de acautelar a segurança do edificado.

IV Especificidades decorativas de vasamentos em cercas

Tendo em consideração que o anterior entendimento da cidade, teve como objectivo alargar a nossa compreensão da integração de portais, fenestração e outros elementos arquitectónicos em pátios e jardins que se reconhecem nas mais diversas fontes iconográficas, manuscritas e impressas, implantadas na cidade de Lisboa à beira do rio Tejo, convém salientar alguns aspectos de relevo. O primeiro deles, prende-se naturalmente com a designação de cerca ou muro, recorrentemente utilizada na arquitectura religiosa, e o segundo aspecto relaciona-se com algumas especificidades do portal no enquadramento anteriormente dado. Quanto à primeira situação, importa reconhecer que as cercas de casas civis não eram mais do que um "(...) Jardim, ou vinha cercada de hum muro,

NOVA de Lisboa (FCSH-NOVA), o Departamento de Património Cultural da Direção Municipal de Cultura (CML - Câmara Municipal de Lisboa), o Arquivo Nacional da Torre do Tombo (DGLAB - Direção Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas) e o NOVALINCS – Laboratory for Computer Science and Informatics, da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT-NOVA). Foi investigadora responsável desse projecto a Prof. Doutora Raquel Henriques da Silva. A informação decorrente da investigação encontra-se disponibilizada em <http://lxconventos.cm-lisboa.pt/base-de-dados/>.
38 *Planta do sítio de Alcântara*, c. 1619/1625, MC.DES.1779.
39 AML, *Livro de Cordeamentos (1614-1618)*, fl. 110.
40 AML, *Chancelaria Régia*, Livro 4º de consultas e decretos de D. Pedro II, fls. 108-112 v.º.
41 AML, *Chancelaria Régia*, Livro 6º de Consultas e Decretos de D. João V, do Senado Oriental, fl. 246-248.
42 AML, *Livro de Cordeamentos (1614-1699)*, fl. 492.
43 *Colecção dos documentos estatutos e memorias da Academia Real da Historia Portuguesa*. Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1722.
44 AML, *Livro de Cordeamentos (1614-1699)*, fl. 502.
45 BLUTEAU, Rafael - *Vocabulario portuguez e latino*. Vol. 2. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712, p. 146.
46 RODRIGUES, Ana Margarida Neto Aurélio Duarte - *A escultura de jardim: das quintas e palácios dos séculos XVII e XVIII em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.
47 CALDAS, João Vieira - *A Casa Rural dos Arredores de Lisboa no Século XVIII*. Porto: FAUP Publicações, 1999, p. 57.
48 ANTT, *Cartório Notarial de Lisboa*, N.º 6, Mç. 4, L.º 38, fl. 33. Cortesia de Rui Mendes, a quem muito agradecemos.
49 *Idem, ibidem*.
50 Sobre este painel consulte-se o estudo de COUTINHO, Maria João Pereira; FERREIRA, Sílvia - "Iconografia Olisiponense em Azulejo". In *Biblioteca DigiTile*:

de huma seve, ou de qualquer outra cousa, que impede a entrada (...)", segundo a definição dada por Rafael Bluteau⁴⁵. Embora apresentassem fortes afinidades morfológicas com as cercas monástico-conventuais, pois ambas podiam ser consideradas como suportes onde se realizavam exercícios de embelezamento de vãos de porta, as cercas do mundo profano tinham maior predisposição para receber elementos escultóricos mais exuberantes. Quanto aos portais, "Elementos de ligação ou separação entres espaços", tal como Ana Duarte Rodrigues os qualificou no estudo *A escultura de*

*jardim das quintas e palácios dos séculos XVII e XVIII em Portugal*⁴⁶, não passavam de vãos, incluídos em superfícies murárias, adornados com aquilo que se pode considerar molduras de aparato, que muito contribuíram para a magnificência e a espetacularidade da casa senhorial portuguesa. Criando efeitos cénicos, através de saliências e reentrâncias, sob a forma de pilastras, colunas embebidas, estípites e outros elementos compositivos de remates, tais como toda a panóplia possível de frontões, com múltiplas soluções escultóricas, esses rasgamentos

Fig. 6 ABREU, José António de - *Planta da real quinta do Calvário*. 1844. BNP, Secção de Cartografia, C.C. 177 A



enriqueceram os panos murários e quando integraram pedras de armas, como identidade do senhorio, veicularam o seu poder sobre o seu domínio. Aliás, como João Vieira Caldas, notou no seu estudo *A Casa Rural dos Arredores de Lisboa no Século XVIII*, houve, no final dessa centúria, uma tendência gradual para o desaparecimento das armas a encimar os remates e com elas a anulação da "(...) afirmação genealógica das famílias nobres. A pedra de armas que caracterizava, nos portões fidalgos, o coroamento superior foi substituída por duas estátuas, urnas ou outros remates que encimavam os pilares laterais"⁴⁷, de acordo com um figurino internacional que começou a ter ecos em Portugal a partir da 2.ª metade do séc. XVIII. Dada a escassez de dados documentais que possuímos acerca da encomenda destes conjuntos, importa também dar a conhecer um dos poucos contratos realizados para a feitura de um portal armoriado para a região de Lisboa. Trata-se de um contrato lavrado com o mestre pedreiro Policarpo José, datado de 1768, para a quinta das Mil Flores, que se situava entre Benfica e Sete Rios, e que, embora ultrapassando a cronologia definida para o estudo e não tendo vista para o rio, comprova a importância concedida ao portal, bem como à sua componente heráldica. Nessa obrigação, o pedreiro comprometia-se a: (...) *fazer o ditto portico de cantaria virado para o sitio da Palhavã na conformidade do seu fundamento que já se acha deliniado e perciniado fazendo-lhe parede de tres palmos e meyo de grossura, e des de comprido para a parte da travessa, e outro sim fará hum pedaço de muro que se segue para sima que se acha de pedra em socco embossado, e rebocado tanto que se fizer de novo, como // o que se acha velho (...)*⁴⁸.

O mesmo testemunho informa-nos ainda que o "(...) *ditto portico sera gatiado com gattos de ferro tanto sepos como ombreras, e isto com toda a segurança e perfeição que pede a arte (...)* [e com] *as Armas da Casa do Senhorio com hum escudo (...)*"⁴⁹.

No entanto, e porque nem só de heráldica viveu o portal, ou mesmo de molduras de cantaria, importa mencionar que apesar de se recorrer muitas vezes ao trabalho pétreo, onde a componente escultórica

foi bastante potenciada, muitas soluções decorativas passaram também pela obra de massa, menos onerosa e com vocabulário ornamental bem mais simplificado, mas igualmente apelativa para os moradores e visitantes do espaço. Embora sejam poucos os exemplos que chegaram até aos nossos dias, sobretudo nos grandes centros urbanos, certo é o contributo que inúmeras fontes gráficas deram para o conhecimento destes espécimes. Na recolha que intentámos fazer para melhor compreender os vários tipos de decorações de muros e cercados que se configuraram junto à casa senhorial de Lisboa e seus arredores, foram sobretudo as fontes gráficas que mais nos auxiliaram na compreensão e definição de algumas tipologias. Para esse efeito, recorreremos sobretudo à observação atenta dos edifícios sobreviventes, mas também aqueles representados na sobejamente mencionada *Vista de Lisboa em Azulejo*, bem como das construções, mais pormenorizadas, constantes na representação do cortejo do casamento de D. José com D. Mariana Vitória, fixado nos painéis que se encontram na Ordem Terceira de São Francisco de São Salvador da Baía⁵⁰. Para além destes exemplos pictóricos, outros existem que merecem ser salientados. Referimo-nos às representações de exteriores palacianos existentes na azulejaria de algumas casas nobres da capital, que, embora não retratem directamente a Lisboa do período pós-restauração e já do barroco, e que apesar de terem referenciais eruditos como as gravuras de *Jean Lepautre*, como já foi de sobremaneira estudado, recorrem a fundos que espelham a realidade portuguesa. Vejam-se os casos dos silhares do salão nobre do palácio dos marqueses de Minas⁵¹ e do palácio do conde de Óbidos, todos em Lisboa, onde se verifica a existência de cercas que não só não constam nas sobreditas gravuras, como mimetizam programas de portais portugueses, claramente distintos dos de matriz inglesa ou francesa, onde a cerca vegetalista com suas aberturas e o trabalho dos ferros, que adornava as cercas pétreas, se sobrepunha ao desenho plasmado na cantaria, de feição nacional. Se observarmos atentamente qualquer um destes exemplos, aliás muito próximos no que à sua composição concerne, concluímos,

Azulejaria e Cerâmica on line, FLOR, Susana Varela (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015. [Consult. 26.10.2016].

Disponível na Internet: <http://digitale.gulbenkian.pt/cdm/compoundobject/collection/est/id/57/rec/1>.

51 Sobre o palácio dos marqueses de Minas vide o texto de PAIS, Alexandre - "O espólio azulejar nos palácios e conventos da Misericórdia de Lisboa", in AA.VV., *Património Arquitectónico, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 2006, pp. 136-161.

52 PIRES, Amílcar Gil - *A Quinta de Recreio em Portugal. Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*. Lisboa: Caleidoscópio, 2013.

pela escassez de ornamentação das vergas e remates dos mesmos, sobretudo por oposição ao elemento de maior destaque na composição - a fonte -, de matriz francesa, que se trata de uma adaptação da nossa realidade.

Nota final

Criando verdadeiros cenários, que enfatizaram o binómio interior-exterior, através de separações com muros e alguns vasamentos, pátios, jardins e logradouros contribuíram para a ideia do privilégio que tinham as propriedades viradas ao Tejo, ou as "casas chegadas ao mar". Por esse motivo, e porque não se deve dissociar a implantação do edificado da cidade, da natureza do terreno, mas também da sua funcionalidade e do facto de este poder beneficiar de uma vista aprazível e uma excelente luz, evocando a tríade vitruviana: "firmitas", "utilitas" e "venustas", importa lembrar que inúmeras exposições sobre a cidade de Lisboa a descreveram como local ideal para a fixação humana. A relação interior-exterior, a valorização do muro-fachada como ocorreu com o caso das casas de morada dos marqueses de Castelo Rodrigo, ou a anulação desse elemento intransponível, que deu lugar a muros baixos que proporcionaram o espraiair das vistas sobre o rio, foram outras questões sobre as quais procurámos chamar a atenção. Hesitantes na escolha de modelos que iam ao encontro do arquétipo romano de espaço mais resguardado⁵², ou de um modelo onde se podia usufruir mais do envolvente, e sobretudo da vista para o Tejo, os proprietários das várias casas e quintas de Lisboa, concretizaram objectos arquitectónicos únicos, que enformaram a cidade, e lhe valeram os epítetos de "rainha dos oceanos" ou "nobre Lisboa".

Fontes Iconográficas

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL

Secção de Cartografia, C.C. 177 A.:
ABREU, José António de - *Planta da real quinta do Calvário*, 1844.

Secção de Iconografia, D-177-R.:
CAULA, Bernardo de - *Vista e perspectiva da Barra Costa e Cidade de Lisboa*, 1763.

Secção de Iconografia, E-1350-V.: COUSE, J.
- *The City of Lisbon as before the dreadful Earthquake of November 1. st 1755*.

BIBLIOTECA PÚBLICA DE ÉVORA

Planta de Santos, Gaveta 8, Pasta 1, N.º 5

COLECÇÃO DO MUSEU DE LISBOA | CML | EGEAC

Planta do sítio de Alcântara, c. 1619/1625, MC.DES.1779.

Lisboa vista do Palácio do Marquês de Abrantes.
Séc. XVIII (1ª metade). MC.PIN.264.

Fontes Manuscritas

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO

Cartório Notarial de Lisboa, N.º 6, Mç. 4, L.º. 38, fl. 33.

ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA (AML),

Chancelaria Régia, Livro 4º de D. Manuel I, doc. 28, fl. 37 e 37 v.º.

Chancelaria Régia, Livro dos Pregos, doc. 493, fl. 316.

Chancelaria Régia, Livro dos Pregos, doc. 495, fl. 316 v.º.

Chancelaria Régia, Livro 4º de consultas e decretos de D. Pedro II, fls. 108-112 v.º.

Chancelaria Régia, Livro 6º de Consultas e Decretos de D. João V, do Senado Oriental, fl. 246-248.

Chancelaria da Cidade, Livro 5º de assentos do Senado Oriental, doc. 30, fl. 13.

Livro de Cordeamentos (1614-1618), fl. 110.

Livro de Cordeamentos (1614-1699), fl. 492.

Livro de Cordeamentos (1614-1699), fl. 502.

Livro de Cordeamentos (1637-1715), fl. 181-182 v.º.

Livro de Cordeamentos (1700-1704), s. n.º fl..

Fontes impressas e estudos

ALBERGARIA, Isabel Soares de - "O Palácio dos Câmara "aos Mártires" - um caso excecional da opulência seiscentista". In MENDONÇA, Isabel, CARITA, Helder, MALTA, Marize (coord. de), *A Casa Senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro: Anatomia de Interiores*. Lisboa, Rio de Janeiro: Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014, pp. 112-133.

BLUTEAU, Rafael - *Vocabulario portuguez e latino*. Vol. 2. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712.

CAETANO, Carlos - *A Ribeira de Lisboa, Na Época da Expansão Portuguesa (Séculos XV a XVIII)*. Lisboa: Pandora, 2004.

CALDAS, Adélia - *Lisboa de 1731 a 1833: da desordem à ordem no espaço urbano*. Lisboa: [s.n.], 2012. Tese de doutoramento em História da Arte, apresentada à Universidade Nova de Lisboa.

CALDAS, João Vieira - *A Casa Rural dos Arredores de Lisboa no Século XVIII*. Porto; FAUP Publicações, 1999.

CALDAS, João Vieira - "O Mundo Erudito e o Mundo Vernáculo nas Quintas Viradas ao Tejo". In LAMEIRA, Francisco Ildefonso (coord.), *V Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte. A arte no mundo português nos séculos XVI-XVII-XVIII*. Faro: Universidade do Algarve, 2001, pp. 233-257.

CAMÕES, Luís de - *Os Lvsiasdas*. Lisboa: Em casa de António Gonçalves Impressor, 1572.

CARITA, Helder - *Le Palais de Santos*. Paris: Éditions Chandeigne, 2007.

CARITA, Helder - *Lisboa Manuelina e a Formação de Modelos Urbanísticos da Época Moderna (1495-1521)*. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

CASIMIRO Augusto - *Dona Catarina de Bragança, rainha de Inglaterra, filha de Portugal*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança, 1956.

Colecção dos documentos estatutos e memorias da Academia Real da Historia Portuguesa. Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1722.

COSTA, António Carvalho da - *Corografia portuguesa e descripção topografica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, gealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1712.

COUTINHO, Maria João Pereira; FERREIRA, Sílvia - "Iconografia Olisiponense em Azulejo". In *Biblioteca Digitale: Azulejaria e Cerâmica on line*, FLOR, Susana Varela (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015. [Consult. 26.10.2016]. Disponível na Internet: <http://digitile.gulbenkian.pt/cdm/compoundobject/collection/est/id/57/rec/1>.

FLOR, Susana Varela - "Quinta da Praia". In *Lisboa em Azulejo antes do Terramoto de 1755*, Pedro FLOR (coord.) site do Projecto de Investigação, PTDC/EAT-EAT/099160/2008, Instituto de História da Arte/ Faculdade de

Ciências Sociais e Humanas/ Universidade Nova de Lisboa, 2017 (no prelo).

FLOR, Susana Varela - "Quinta dos Álamos". In *Lisboa em Azulejo antes do Terramoto de 1755*, Pedro FLOR (coord.) site do Projecto de Investigação, PTDC/EAT-EAT/099160/2008, Instituto de História da Arte/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/ Universidade NOVA de Lisboa, 2017 (no prelo).

FONSECA, Fernão Solis da - *Regimento pera conservar a saude e vida*. Lisboa: por Geraldo da Vinha, 1626.

GEHLERT, Andreas - "The Weilburg painting showing the Lisbon entry of 1619 in its historical and pictorial context". *Revista de História da Arte*, N.º 11, 2014, pp. 69-85.

GÓIS, Damião de - *Descrição da Cidade de Lisboa*. Ed. de José da Felicidade Alves. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.

JORGE, Maria Júlia - "CALVÁRIO (Sítio do)". In SANTANA, Francisco, SUCENA, Eduardo (dir. de) - *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Ed. Carlos Quintas & Associados, 1994, pp. 199-201.

Joyeuse Entrée, A Vista de Lisboa do Castelo de Weilburg. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, 2015.

LAVANHA, João Baptista - *Viagem da Catholica Real Magestade del Rey D. Filipe II N.S. ao Reyno de Portvgal e rellação do solene recebimento que nelle se lhe fez S. Magestade a mandou*. Madrid: Thomas Iunti, 1621.

MACEDO, António de Sousa de - *Flores de España excelencias de Portugal: en que brevemente se trata lo mejor de sus historias, y de todas las del mundo desde su principio hasta nuestros tiempos, y se descubren muchas cosas de provecho, y curiosidad*. Lisboa: impressas por Jorge Rodriguez, 1631.

MADAHIL, A. G. da Rocha - "Viagem de Cosme de Médicis a Lisboa em 1669". *Revista Municipal*, Ano III, N.º 11-12, 1.º e 2.º Trimestres, 1942.

MAGALOTTI, Lorenzo - *Viaje de Cosme de Médicis por España y Portugal (1668-1669)*. Madrid : Sucesores de Rivadeneyra, [1933].

PAIS, Alexandre - "O espólio azulejar nos palácios e conventos da Misericórdia de Lisboa". In AA.VV., *Património Arquitectónico, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 2006, pp. 136-161.

PAIVA, Daniela Rabelo Costa Ribeiro - *As Descrições da Cidade de Lisboa: Escrita, Poder e Sociedade no Portugal dos Filipes*. Niterói: [s.n.], 2013. Dissertação de Mestrado em História Moderna apresentada à Universidade Federal Fluminense.

PEGAS, Emmanvelis Alvarez - *Commentaria Ad Ordinationes*. Lisboa: Antonii Leite Pereira, 1681.

PEREIRA, Maria Helena Rocha - "Uma Descrição Poética da Lisboa Quinhentista". *HVMANITAS*, Revista do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Vols. XXXV-XXXVI, 1983-84, pp. 349-357.

PIRES, Amílcar Gil - *A Quinta de Recreio em Portugal. Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*. Lisboa: Caleidoscópio, 2013.

PORTUGAL, Fernando; MATOS, Alfredo - *Lisboa em 1758, Memórias Paroquiais de Lisboa*. Lisboa: [s.n.], 1973.

RODRIGUES, Ana Margarida Neto Aurélio Duarte - *A escultura de jardim: das quintas e palácios dos séculos XVII e XVIII em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

SERRÃO, Vítor - "Nossa Senhora da Boa Viagem velando pela protecção do comércio na barra de Lisboa". In *Encompassing the globe, Portugal e o mundo nos Séculos XVI e XVII*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, 2009, pp. 70-71.

VASCONCELOS, Luís Mendes de - *Do Sítio de Lisboa*. Lisboa: Officina de Luys Estupiñan, 1608.

Internet

<http://digitile.gulbenkian.pt/cdm>.

<http://lxconventos.cm-lisboa.pt/base-de-dados/>.

O volume integral desta edição
encontra-se disponível no
Gabinete de Estudos Olisiponenses



[gabineteestudos.olisiponenses](http://gabineteestudos.olisiponenses.pt)

HH INSTITUTO
DE HISTÓRIA
DA ARTE

